

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

VIRGÍNIA ANDERLE CIGOLINI

**A DESCONSTRUÇÃO DE UMA CORPOREIDADE CONSTRUÍDA COMO
FEMINILIDADE NO COTIDIANO, NA PRÁTICA ARTÍSTICA E DURANTE A
MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

PORTO ALEGRE, 13 DE DEZEMBRO DE 2017.

**A DESCONSTRUÇÃO DE UMA CORPOREIDADE CONSTRUÍDA COMO
FEMINILIDADE NO COTIDIANO, NA PRÁTICA ARTÍSTICA E DURANTE A
MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

VIRGÍNIA ANDERLE CIGOLINI

**A DESCONSTRUÇÃO DE UMA CORPOREIDADE CONSTRUÍDA COMO
FEMINILIDADE NO COTIDIANO, NA PRÁTICA ARTÍSTICA E DURANTE
MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Relatório final, apresentado a
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como parte das exigências para a
obtenção do título de Teatro Licenciatura.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2017.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - 6
2. VOCÊ É SUA MORADA - 8
3. UMA MATÉRIA EM ETERNA CONSTRUÇÃO - 12
4. A TRANSITORIEDADE DE UMA CORPOREIDADE -15
5. A INTRÍNSECA IMAGEM METAMÓRFICA - 23
6. UM ATO DE DESAPEGO - 25
7. CONCLUSÃO - 27
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 30
9. ANEXOS - 31

Em face de nosso terror diante do caos incontrolável do universo, rotulamos tudo o que podemos com a linguagem, na esperança de uma vez que algo tenha sido nomeado, não precisamos mais temê-lo.

- Anne Bogart

INTRODUÇÃO

Se pensarmos em nosso corpo, como o centro de toda a energia, como carne de uma completude infinita, que concebe quem somos. Se pensarmos na natureza deste corpo, em todos os pêlos, ondulações, asperezas presentes, a diversidade imensa de formas e desfigurações, tornando cada um: único, essência do seu ser. Se aceitarmos, percebendo que somos diferentes e o quão isso é simplesmente incrível, nos fortaleceremos no que temos de mais singular, permitiremos ser visível o invisível dentro de nós.

Eu, permitindo o ser, com tudo o que sou, com tudo que me compõe, minhas estranhezas e natureza. Em vista disso, a definição de beleza torna-se insignificante, ignóbil, neste nosso universo de infinitas possibilidades; que tornam o que somos; o que queremos ser; e o que reinventamos de nós. Só eu e somente eu posso me construir, da maneira que permitir ser atravessada e composta, como uma música em cada verso encaixado em rimas. Somos todos os pedaços que queremos ser.

Não, não nos limitemos a rótulos, estereótipos, que nos diminuam e que não contemplem um terço do ser, do nosso ser. Da mesma forma, se percebermos, nenhum padrão de sociedade é capaz de impedir nossa essência, nossa vontade de ser e só ser. Não me defino em roupas, não me defino em acessórios, em cortes de cabelo ou maquiagem. Eu faço-me, me construo, me monto e desmonto. Eu sou a reinvenção ininterrupta que faço de mim. Já imaginou se todos parassem pra pensar nisso? O que realmente permitiríamos ser? Permita-se! Somente ser. E para contemplar essas ideias, cito a banda Forfun, em um trecho de Eremita Moderno: “Somos um pouco de tudo, e muito de cada pouco, o espaço vazio de um polígono oco. Somos os pingos da chuva e a água dentro do coco. O suspiro de alívio, quando passado o sufoco”.

E vou além, para que meu trajeto de reinvenção se questione e desconstrua a performance da feminilidade, no *meu ser*, na *mulher* que sou. Tudo se interliga, constrói-se do modo que almejo o alcance de cada *ser* mulher. Permito-me, exploro acessos que vão além de codificações já pré-existentes. Coloco-me, como olho – sem filtros, sem imposições – que enxerga em mim e em outras mulheres, os comportamentos cotidianos de: O que é ser mulher? O que define uma mulher?

Mulheres que não apresentam padrões de feminilidade são “menos” mulheres? E as que apresentam, são mais mulheres? A utilização de determinados objetos e adereços definem o que é ser mulher? A sexualidade estereotipa o ser mulher? Estilo de moda me define como mulher?

Que tipo de mulher você é? Há algum gesto que identifique o ser mulher? Como reinventar-se em gestos e ser a mulher que quero ser? Meu corpo e gestos possuem quais ferramentas de identificação e ensino?

Estas foram às questões que surgiram a partir da minha condição como mulher, colocada desde o meu nascimento, outras surgiram da minha caminhada no curso de graduação em teatro licenciatura. Ao decorrer do curso, a escolha por seguir pela área da licenciatura, me auxiliou no crescimento pessoal, possibilitando ver à urgência em desvendar, ou me aproximar, do que eu realmente queria ser. Junto a isso, pude notar que minha opinião e visão são realmente importantes, não somente para mim, mas o quanto pode ser pertinente para construir um diálogo com outras pessoas que tenham identificação e afinidade com o meu percurso como pesquisadora e artista.

A forma como vou apresentar esse trabalho de conclusão de curso, obedece ao seguinte critério: esta introdução, cinco capítulos, intitulados: Você é sua morada, Uma matéria em eterna construção, A transitoriedade de uma corporeidade, A intrínseca imagem metamórfica, Um ato de desapego e uma conclusão. Os anexos conterão fotos, trechos de músicas, desenhos retirados de sites e as referências contemplaram também indicações de vídeos disponíveis no site Youtube.

1 – VOCÊ É SUA MORADA

Na disciplina denominada Métodos de Pesquisa em Artes Cênicas, ministrada pelo professor Mesac Silveira, no Departamento de Arte Dramática na UFRGS, que tem como objetivo conhecer, investigar, instrumentalizar e auxiliar o aluno na construção da pesquisa em artes cênicas, com questões que atravessam e relacionar os demais campos de conhecimento. Eu decidi pesquisar a construção social de um corpo denominado feminino, do modo de se comportar femininamente, a partir do meu conflito e o não enquadramento nessa expectativa estrutural do que é ser mulher. Inicialmente tive dificuldades de entender que não era somente uma questão pessoal, mas uma discussão que interessa a muitas mulheres e em conversa com diferentes pessoas, percebi a importância disso, já que futuramente estarei num lugar de professora, com outras meninas, crianças, muitas delas mulheres. Em minha casa, debatia constantemente, com minha namorada, o que era ser artista, o que é ser mulher e os padrões culturais femininos.

A montagem, que se intitulou “Remontagem: o nosso amor a gente inventa”, peça que tratava de narrativas de nossas vidas ressignificadas para a cena, pude trazer frequentemente questões sobre padrões femininos que me causavam aversão e repúdio. Conforme o meu trabalho como atriz, minhas investigações e inquietudes, o desenvolver da peça auxiliou-me ininterruptamente nas questões e métodos artísticos de desconstrução. No processo artístico tive a oportunidade de trabalhar com quatro atores gays que me faziam sentir respeitada e mostravam total importância para as minhas questões e opiniões, pois era parte dos ensaios trazer nossas histórias e bagagens culturais. O universo destes quatro homens era oposto ao meu, a começar por eu ser a única mulher do grupo e não apresentar a feminilidade. Todos eles expressam-se femininamente e desejam ser reconhecidos como homens, negando os padrões de masculinidade exigidos pela sociedade. No decorrer dos ensaios, trouxemos referências musicais que nos representam em nossa luta e modo de ser, como: Linn da Quebrada, Cássia Eller, Karol Conka, Mc Carol, Triz. Também, fazíamos experimentações com diferentes vestuários, reconhecendo em cada um o tipo de roupa que representava quem somos. Eu me vestindo com roupas largas, cueca, ao mesmo tempo em que o diretor apresentava-se com saia, salto e batom. Estes opostos de luta e análogos processos de desconstrução dos padrões sociais nos moveram na construção e expressão artística do espetáculo, experimentando nossos corpos em diversas dinâmicas e criando o ser artista em nossa própria existência, reinventando-nos, até o término. Para contemplar, a fala final do espetáculo, que expõe nossa tentativa de (re)criação:

*“Inventamos mundos, para tentar reinventar esse. A imaginação é nossa arma. Nosso convite é para remontar.”*¹

Em seguida, entra um terceiro elemento conciliador com minhas opiniões e que movimentou a minha proposta, o livro de poemas da canadense Rupi Kaur, chamado: Outros jeitos de usar a boca, na tradução. Este livro me contemplou de uma maneira a me deixar apaixonada e com urgência de falar tudo àquilo que eu sinto e vejo ser como mulher, o meu ser mulher. Eu sempre vejo o quão nossos sentimentos não são atendidos somente pela fala, por isso a necessidade de expressões poéticas, que atendem ao caos que reverbera dentro de nós, no que há de oculto na impossibilidade das falas. A minha visão e diversos desdobramentos sobre o livro são únicas, como de cada pessoa que lera estes escritos. Desse modo, vejo a importância de ressaltar este poema tão significativo e representativo para minha exploração.

“Você diz para eu ficar quieta porque minhas opiniões me deixam menos bonita, mas não fui feita com um incêndio na barriga para que pudessem me apagar, não fui feita com leveza na língua, para que fosse fácil de engolir. Fui feita pesada, metade lâmina metade seda, difícil de esquecer e não tão fácil de entender.” (KAUR, rupi, Outros jeitos de usar a boca, p:30).

O poema acima foi o impulsionador de meu trabalho, o qual me encorajou a tratar do assunto, a não me calar e perceber a importância de minhas aflições, que não são somente minhas. Outros poemas, além de desenhos, me ajudaram a formular pensamentos, a visualizar sentimentos comuns com outras mulheres. Neste caso, o livro escrito por uma mulher de outro país, com outra realidade, mas que acaba por serem as mesmas perguntas, medos, conflitos e questionamento a construções impostas, manipuladas, inventadas pela voz machista, pelo patriarcado e a misoginia existente em todos os lugares, independentemente de onde seja.

Para que houvesse a coragem, a eliminação do sentimento de insegurança, associado à incapacidade de expressar meus desconfortos de acordo com a visão construída do que é ser mulher, foi necessário voltar-se a mim mesma. Primeiro, rever todas minhas etapas passadas até hoje, onde passados somente dois anos vejo-me e sinto-me no meu ser expressivo, satisfeita por algumas rupturas alcançadas e conquistas de aproximação do que sou e represento. Ainda assim, vejo que acabei por ser inserida em outra caixa de rótulo, devida a minha orientação sexual e novas vestimentas, que é classificada no termo: “sapatão”. O termo usado não me incomoda, pois acredito ser necessário ter a rotulação para poder lutar por direitos políticos,

¹ Texto final da peça “Remontagem: o nosso amor a gente inventa”, dirigido por Ander Belotto e criação dramaturgica do grupo.

mas não me enquadro completamente neste significado, vejo-me em um fluxo transitório, o qual me permite ser levada e recriar-me a todo o momento, concedendo-me ser a dúvida que sou. Ao mesmo tempo, sinto-me em um escudo de proteção, o qual trouxe a diminuição do assédio – que sofria constante por homens -, mas não a eliminação desta violência diária, pois sou vista como uma ameaça à conduta fora da normatividade, como uma fetichização, um afronte ao patriarcalismo e suas condutas sociais.

A partir do mencionado acima, vou em direção aos pontos iniciais, da minha própria imagem, que começa a desconstrução do feminino, do seu dito ideal. Busco pontos que se ligam no meu trabalho de atuação performática, como aprendiz de docência e, também, em minha vida e meu trabalho de atriz.

No que diz respeito à docência, há o diálogo entre o meu papel de licencianda em teatro e meu posicionamento que vai contra os padrões convencionais socioculturais. Tais condutas conservadoras são reproduzidas nas escolas, espaço onde acredito serem possíveis novos caminhos de construções de significados identitários e de sexualidades. Durante a minha experiência no Colégio Estadual Júlio de Castilhos e no Colégio de Aplicação – UFRGS, orientada pelo professor Gilberto Icle, da faculdade de educação da UFRGS, não percebi resistência significativa dos alunos em comunidade escolar ao meu padrão dissonante do tradicional. No entanto, de forma sutil, uma estranheza ao meu modo de se vestir e me comportar. Portanto vejo como desafio a minha presença em sala de aula, já como professora formada, sem ser eu a pessoa que entrará em sala de aula e ocasionara essas problematizações.

Ainda que inconsciente em alguns casos, somente a minha imagem apresentada em sala de aula, trará outras visões de mundo aos alunos, um contato mais direto com o que pode ser totalmente divergente de suas realidades e conceitos construídos até então. A figura do professor torna-se um exemplo, um mundo possível de chegar a conquistar, desde o princípio dos ensinamentos, das possibilidades de transformações e até eliminação dos primeiros pré-conceitos estabelecidos e postos socialmente para os discentes. Também, de outro ângulo, a minha pessoa traz uma abertura para o conhecimento do desconhecido, do não falado, do ocultado, admitindo encontros, sentimentos internos e externos que podem vir a ser libertados pelos discentes que rejeitam os comportamentos de sexo e de gênero estabelecidos. Não há influência se não existir vontade genuína dentro do próprio indivíduo. Neste caso, enxergo um benefício e a oportunidade de liberdade dos padrões normativos do feminino e masculino, forçados pelas condutas sociais, partidos da escola.

Como uma visão da pedagogia da arte, juntamente com minhas colocações, cito o olhar da professora, pesquisadora Susana Rangel Vieira da Cunha, em seu artigo: “Cultura visual e infância”. A importância da imagem, no seguinte trecho:

“[...] os registros imaginéticos, minha biografia visual, formatam minha subjetividade, me compõe como sujeito, e sobretudo, servem como suporte para formular considerações sobre a infinidade de produtos culturais que afetam nossas vivências e nos posiciona frente ao mundo.” (CUNHA, Suzana, “Cultura visual e infância”, p: 104 do livro Pedagogia da Arte, entre-lugares da criação. Ano:2010).

Sendo assim, a força da imagem apresentada que pode permitir uma nova visão de trânsito, caminha paralelamente com as didáticas teatrais, as quais nos possibilitam uma experiência de trocas de gêneros em papéis representados distintos e personas com modos diferentes do senso comum. As práticas e exercícios do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, os jogos de improviso de Viola Spolin, são meios viáveis e que podem vir a dialogar diretamente com os fluxos entre um feminino e masculino. Assim, colocando os alunos em outras posições fora dos seus padrões normais servindo de deslocamento do sexo feminino oprimido, com o opressor masculino, pode-se vir a possibilitar uma compreensão das atrocidades e benefícios que ambos os papéis têm na sociedade, gerando questionamentos e buscando novas formas de conduta e melhora na convivência conforme os entendimentos alcançados nestas trocas.

Neste contexto, os jogos de improviso abrem fronteiras para novas reformulações, reinvenções, que vão de encontro com a quebra da barreira limitadora do binarismo dos gêneros. Como Viola Spolin coloca em seus estudos:

“Através da espontaneidade somos re-formamos em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros de referências estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela.” (SPOLIN, Viola, “Improvisação para o teatro”, p:4, ano:2006).

2 - UMA MATÉRIA EM ETERNA CONSTRUÇÃO

Quando comecei a refletir sobre a pesquisa, percebi o quão indispensável era minha exposição, a importância de desvelar a mulher que sou. A existência e resistência do meu corpo, somente pela sua apresentação perante a sociedade, que já se manifesta impactante. Era necessário expor cada parte do meu corpo, das minhas marcas, da imagem que minha pele exhibe no exterior, para que fosse possível conhecer, também, o interior. Além disso, este meio tornou-se uma exploração fundamental, para o meu próprio reconhecimento, para a observação da minha expressão corporal, da minha identidade.

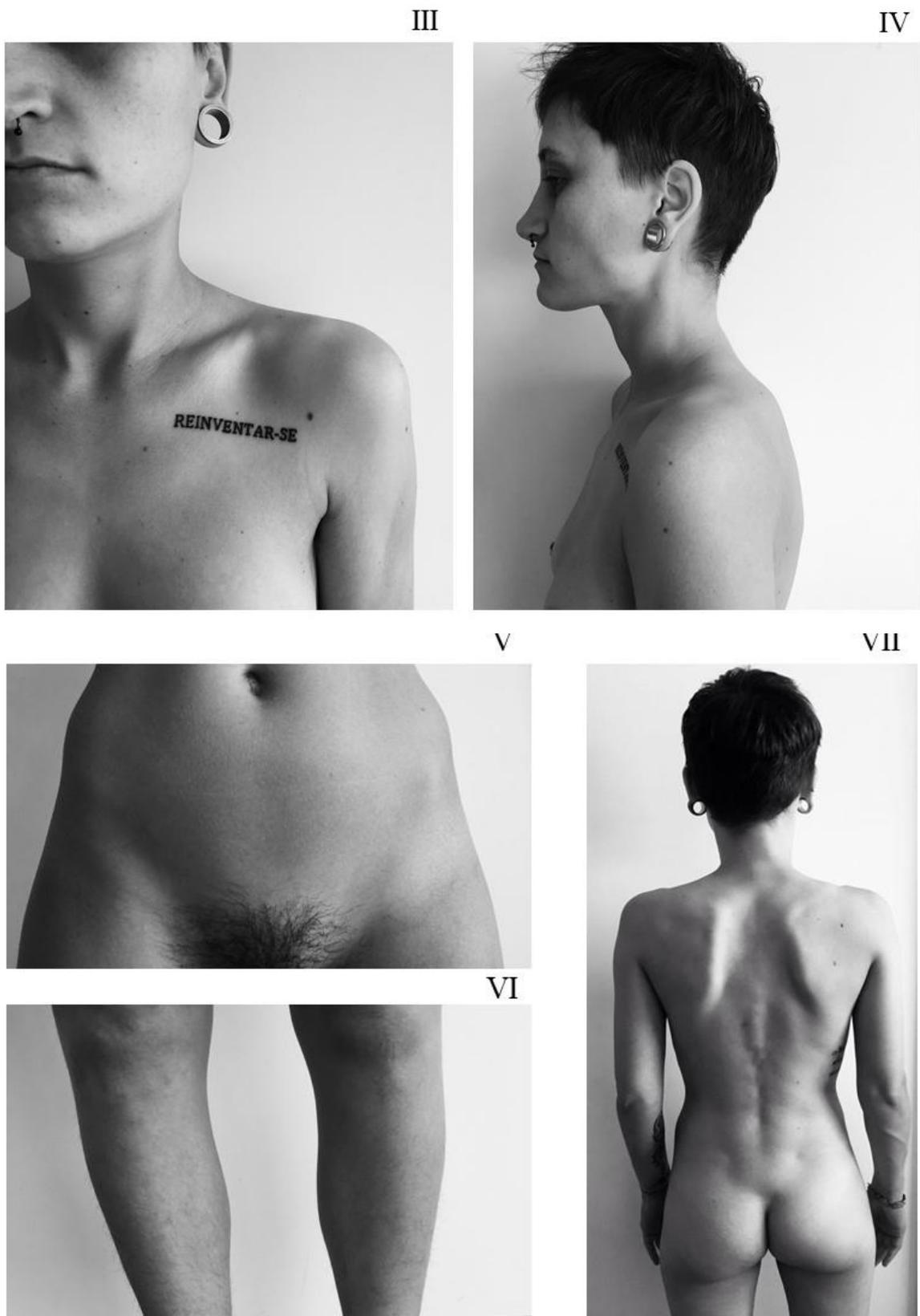
De acordo com as ideias acima, originou-se minha apresentação que deu início a este projeto. A começar, optei por realizar fotografias registrando todas as partes do meu corpo - separadamente - utilizando a câmera do meu celular, de oito megapixels, para gerar uma uniformidade e ressaltar o essencial de cada parte do corpo. Optei por deixar todas as fotos em preto e branco para explorar as diversas singularidades e desenhos múltiplos transpassados pela minha imagem. Os retratos foram tirados no mesmo dia, repetidas vezes, buscando manter um enquadramento e semelhança entre os registros possibilitando a assimilação do meu corpo para as pessoas que presenciaram a apresentação. Em decorrência disso, surgiu a sequência de fotos abaixo que foram impressas e colocadas na parede da sala de aula. Seguem as fotos:

I



II





Figuras I a VII: Uma matéria em eterna construção. Fotos tiradas por Thallya Santos.

Como relato dos meus pensamentos, inquietudes e questionamentos, utilizei do texto de Laura Couto, intitulado: “Por que você quer se parecer com um homem?”, gravei cinco áudios deste, para apresentar minhas ideologias, colocados para reproduzir no momento da apresentação da pesquisa. O artigo retrata a visão da mulher que não exerce a feminilidade, que não quer seguir este padrão e quer ser reconhecida como mulher. Como um ato de manifesto contra a opressão, o preconceito e servindo como ponto inicial de uma representatividade possível para mim e outras mulheres que não se encaixam nessa norma idealizada construída por nossa sociedade, a qual quer extinguir e frear qualquer expressão que seja diferente da crença da normatividade.

Para contemplar meu ato artístico apresentado em aula, terminei com uma música, que criava a atmosfera dessa manifestação. Música essa, que acompanhou meu processo até o fim, além de outras, pois somos constantemente rodeadas pelas músicas, com suas poesias intrínsecas que possuem o potencial de nos deixar com diversos sentimentos, melodias que nos representam, nos fazem expor aquela potência existente dentro de nós. Dentro desta mescla de exposições, coloquei para tocar “Triste, Louca ou má”, da banda Francisco, El hombre, cantada por uma mulher. A sua letra nos leva a uma não agressão, a um ato de luta e resistência, sem vitimização ou ar superior, mas sim, da busca da igualdade.

Ao final, li um dos poemas do livro: Outras maneiras de usar a boca, de Rupi Kaur. Assim que encerrei, percebi o quão forte, todas as questões e atravessamentos estavam em mim e em algumas colegas que se identificavam. Nos pareceres, me falaram à relevância que meu trabalho possui para a didática, no espaço que podemos construir de libertação das correntes que nos prendem ao confortável e inibem o diferente.

Em vista disso, vejo o quanto este manifesto social e o teatro fundem-se, complementando a função didática, transformadora e expressiva do ser. A uma busca pela desconstrução e a produção de um novo espaço, lugares que englobem a nossa essência, respeitando e dando visibilidade e voz aos ocultados.

“Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. Em algum momento escrevi que ser humano e ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação.” (BOAL, Augusto. A estética do oprimido, p: 19, ano: 2008).

3 - A TRANSITORIEDADE DE UMA CORPOREIDADE

O nosso corpo é um universo paralelo, com múltiplas possibilidades de existência, que constitui diferentes personas em todos os momentos – interligando-se com a essência do ser. Quando se perde, encontra-se em outra persona, em outro lugar, outro mundo. Não há forma que se finda. Tudo aquilo que é invisível aos olhos, se constitui através de pequenas explosões intransparentes dentro de nós, causando o caos que somos e complementando o que possuímos no nosso interior. E como um vidro, transmitindo o possível que permito ser visto, dentro do meu limite deliberado. Ao mesmo tempo o parte e inteiro. O todo, o tudo e o nada. Compondo curvas que definem e desconfiguram tudo o que seria dito como único. Um todo de particularidades múltiplas que me atravessam, me reinventa, transbordando o cerne da alma.

Não contendo a verdade, fórmula ou saída para a libertação da corporeidade de uma feminilidade idealizada inventada pelo social. Não seria possível. Quero mostrar-lhes como cheguei a qualquer opinião que eu tenha construído e desconstruído. Mostro-lhes, dou-me para que seja possível a reflexão, o questionamento do que são exercidos todos os dias por nós – enquanto sociedade -, desviando de ideias impostas, colocando outro universo que se tece com cada um dos mundos que nós – mulheres - englobamos. Assim, serei eu – mulher – amando toda essa plenitude de somente ser, tentar direcionar a minha visão para que se possa resgatar e talvez completar mulheres que não se encaixam no ser feminino? Há um tempo busco compreender o significado do ser mulher, da denominação da feminilidade. Do feminino que é visto como negativo, subordinado, já designado a preconceitos e adjetivos como: “frágil”. Questiono-me, há uma definição para o ser mulher?

“Eu não me vejo na palavra fêmea: Alvo de caça. Conformada vítima. Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada, ver cores nas cinzas e a vida reinventar. (Francisco, El Hombre. “Triste, louca ou má”, ano: 2016).

Eu me sinto mulher, sentir-se, é ser, é poder ser, pois isso ninguém pode ditar ou arrancar do seu espírito e desejo. Uma constante monotonia em definir aquilo que querem impor, para ser possível a manipulação de que mulher é feminina – unicamente - mas sabemos que essa discussão vai além da nossa vã filosofia, podendo ser o que desejarmos o tempo todo, o que nos permitirmos, sentimos e tivermos coragem para ser. Porque podemos, resistindo constantemente e levantando umas às outras. Nós somos as mulheres que acreditamos ser. É

necessário um começo, uma agregação de todas as mulheres, impedindo que o machismo estrutural invada mulheres excluindo mulheres nesta resistência do nosso *ser* mulher.

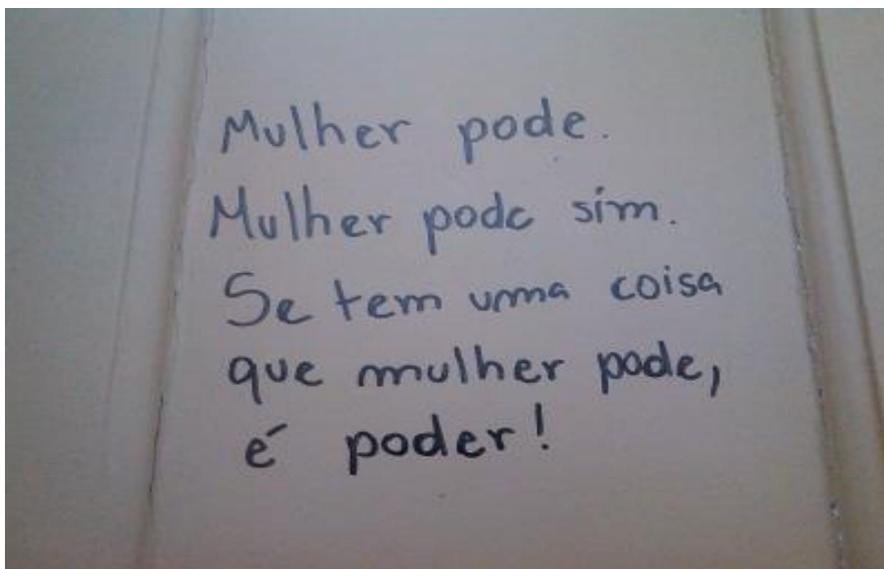


Figura VIII: Imagem representativa da resistência da mulher. Foto tirada do site - <https://www.tumblr.com/search/mulher%20poder>

Somos formadas por infinitas galáxias, indefinidamente, o que nos torna: únicas! Ainda assim, seguimos escravas e escrachadas pela necessidade incessante que a nossa sociedade tem em nos fechar, nos limitar a rótulos. A pensar as primeiras e excepcionais mulheres padrões de beleza e de perfeição. Magras, altas, brancas, loiras, cisgêneras e heterossexuais. Se você possui alguma dessas características - como eu -, é inevitável não perceber a aceitação e as benéficas vantagens trazidas nestas embalagens, onde até mesmo o futuro já é visto como próspero – e único caminho de conquistas - pelas características de condutas aceitáveis. Aqui, o sentir-me mulher, é totalmente negável e apagável, a ponto de chegar a me excluir, a excluir centenas de nós da “classificação” mulher. A mulher é invisibilizada o tempo todo, ser mulher, é ser invisível, ser violentada psicologicamente e fisicamente, sem direitos de ser reconhecida como tal. Tudo que leva o adjetivo feminino, ou tudo que remete a fragilidade em atitudes, maneiras ou a submissão, tem os mesmos prejuízos, os mesmos preconceitos sofridos.

“Onde está o corpo da mulher? Não sabemos, ele foi definido por homens. Onde está a essência feminina? É isso que estamos tentando dizer, ela não existe! Ela tentou ser definida por homens, mas a mulher abre espaço para o fora, o indefinível, o devir. A mulher não é um fim em si, ela é, usando uma analogia de Nietzsche, uma corda estendida,

entre o sedentário e o nômade, entre o homem e o desconhecido. Um horizonte que se abre para todos os outros devires minoritários. O devir-mulher é primeiro, ele dá início à resistência de uma forma homem que fecha os fluxos de experimentação. Nasce um corpo nômade aberto à variação, que se recusa a ficar no mesmo lugar e buscar uma forma definida.” (TRINDADE, Rafael. Devir- mulher, postagem de blog em 2016).

As abordagens colocadas acima surgem de ideias encadeadas a partir do decorrer da minha vida, onde começa partindo de algumas características vistas como privilégios. Se parto da primeira etapa, já há o fato de nascer mulher, com o órgão genital, a vagina. Durante a adolescência haviam cinco das características consideradas aceitáveis e prósperas: ser branca, magra, loira, cisgênera e heterossexual. Aqui, reconheço os meus privilégios e vantagens que estes pontos têm frente ao social.

Desde pequena a ideia de um comportamento dito feminino era naturalizada como padrão com um órgão genital reconhecido como feminino, não podendo escolher as próprias roupas, as brincadeiras, corte de cabelo ou sexualidade. Eu seguia dentro da normatividade crível destas regras, nos conceitos e imposição da religião cristã, esta vista como superior a outras religiões e de conduta uniforme as leis do país. Quando estudei no colégio Nossa Senhora da Glória, em Porto Alegre, havia a obrigatoriedade da disciplina de religião (unicamente cristã) e, também, eu era criada dentro de uma família cristã. Devido a isso, havia a obrigação de seguir as condutas consideradas como adequadas por este sistema de crença. Oprimindo-me. Julgando-me. Purgando-me. Numa eterna briga com meus sentimentos, vontades e desejos internos, acusados de profanos, até mesmo por uma simples escolha de tecidos classificados por gêneros. Todos nós seguimos leis cristãs, os sentimentos de culpa, devido ao sistema social vigente, o qual acredita na manipulação em massa de nossos comportamentos. Toda a ligação social com esta religião acaba por nos amputar, limitando e excluindo o que difere.

O medo e a falta de representatividade ao meu redor dificultarão a minha própria aceitação. A minha experiência durante a escolarização, me fez sentir punida pelos meus desejos, minhas ânsias, rejeitando-as. No dia a dia, quando conseguia me sentir confortável e bem comigo mesma, com as roupas que eu começará a escolher, era meu ciclo de amigos, família que me questionava e ditavam – incessantemente – que eu era muito bonita, deveria me valorizar, me vestir melhor e mostrar a mulher que sou. Eu sentia-me mulher, questionava-me o porquê do dever de caminhar dentro das formas existentes, refletindo sobre a existência de outras possíveis imagens de pessoas que me agradavam, que eu almejava, vendo outros mundos, que me levaram a resistir.

Na transição do colégio para o curso pré-vestibular minha cabeça estava enchendo-se de dúvidas, vontades e medos importantes para arrancar cadeados que me bloquearam constantemente. Então, deparei-me, com o meu desejo por outras mulheres, o qual me transtornava e perturbava por tempos, mas agora, pensava ser possível e tornou-se, pois me abri ao encontro destas aspirações.

Ainda assim, sair da heteronormatividade me assustava, pelos preconceitos, pelo conforto que este título contém. Aos poucos foi viável desconstruir, libertar-me do que era cômodo e seguro, da mesma maneira com a feminilidade, oportunizando ver outras formas e novos conceitos de agir que não diminuiriam o meu ser mulher.

A um passo importante da minha imagem que me auxiliou a romper com os ideais, a me encontrar, a questão do cabelo: cabelo, signo que influencia nossas vidas, nosso ser, nossa representatividade, também, como um ato político. É inevitável não falar do que as transformações deste signo causaram em mim como pessoa, como revolução. Essa simbologia é expressão, é a libertação, o começo de uma desconstrução. A música da cantora Lady Gaga, a seguir, dialoga diretamente com as reflexões acima:

“[...]I’m sure of my identity. I scream mom and dad. Why can’t be who I wanna be? I just wanna be myself. And I want you to love me for who I am[...] I’m a free as my hair. I am my hair.”
(GAGA, Lady, Hair, ano: 2011)²

Ainda neste assunto voltado ao rompimento de padrões conservadores, observo nas escolas, como a roupa estabelece um estereótipo imposto a todas as crianças para a distinção na limitação binária. Há um uso de roupas para meninas e meninos, com a classificação de cores, rosa menina e azul menino, excluindo totalmente o gosto, desejo e vontade destas crianças, também, omitindo as suas vozes.

Toda a feminilidade, como a masculinidade, estão colocadas como regras de conduta desde o início de nossas vidas, ambas as terminologias concebidas pela construção sociocultural, nenhuma é de caráter natural. Não há uma base natural que fundamente o feminino, o masculino, tudo é manipulação. Para sermos reconhecidos pelo nosso gênero, precisamos afirmar isso diariamente, incessantemente, em nossas roupas escolhidas no dia a

² Tradução: “Eu perco minha identidade, eu grito com meus pais. Porque eu não posso ser quem eu quero ser? Eu só quero ser eu mesma. E quero que você me ame por quem eu sou.[...] Eu sou tão livre quanto meu cabelo. Eu sou meu cabelo.” (retirada do site: <https://www.lettras.mus.br/lady-gaga/1835519/traducao.html>)

dia. Se uma pessoa que se reconhece como mulher sair com roupas largas, sem maquiagem e usar os cabelos curtos, será exposta à pré-conceitos, pré-julgamentos e até mesmo taxada como desleixada, colocando em dúvida o que ela quer ser, o que ela realmente é e há uma tentativa de submetê-la para ter estas respostas. O livre arbítrio somente existe em nosso quarto fechado, sendo utopia assim que saímos dele, até mesmo quando estamos em nossas casas com familiares, trazemos incômodo, julgamentos e condicionamentos por figuras inventadas pela sociedade dentro do conservadorismo.

Quando saio com roupas ditas de uso masculino, perco o meu lugar como mulher, como se tecidos permitissem e me limitassem o meu ser mulher. Como Linn da Quebrada disse em uma entrevista no programa Estação Plural: “Ser homem e ser mulher é um processo que você tem que estar todos os dias afirmando e você nunca vai alcançar esse ideal e falar: Ai pronto! Consegui ser mulher.”. A partir disso, vejo que a utopia geral é almejar um ideal inventado, as pessoas que mais querem afirmar esses ilusórios modelos acabam por martirizar-se constantemente por não conquista-los, pois não conseguem seguir a imagem de pessoas que aparecem em capas de revistas, estas chamadas: modelos.

Nosso mundo foi feito pensado por homens e para eles, com modelos hierárquicos, subordinando tudo que vem depois dele, como uma criança em formação e desenvolvimento na escola. Quando algo foge ao modelo, não é recomendada a sociedade, é de má influência. As crianças que não reconhecem o gênero designado a elas sofrem por não quererem atender as expectativas e serem diferentes das atribuições sociais determinadas a elas. Uns se confortam, já as que não aceitam, são obrigadas a enquadrarem-se nas normas sociais, anulam o seu verdadeiro ser.

“Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero.” (BUTLER, Judith, Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade, p:28, ano de tradução: 2003)

É preciso expandir os nossos estudos e limitações taxadas como únicas e corretas. Com a abertura de possibilidades variadas, não somente ao binarismo. As novas perspectivas darão espaço ao encontro do indivíduo, com novos caminhos de escolha. Assim, oportunizando a aceitação, completamente. Em um processo de conhecimento constante, recodificando o eu, até o ponto que se aceita, com cada um dos pilares que modifica e no final, não se fecham, liberta-se. Sejamos o que quisermos. Escolha ser você, só você e permita ter suas dúvidas eternas. Nada pode te definir, você é o seu próprio lar.

4 - A INTRÍNSECA IMAGEM METAMÓRFICA

O trabalho audiovisual tem forte relevância para minha pesquisa, pois me permito à experiência do transito e faço de minhas ações, performáticas. Estes vídeos auxiliam no diálogo direto com as pessoas, buscando um questionamento do meu modo de apresentação, no meu vestir e no despir-se.

Sempre temos a primeira impressão de alguém através da sua imagem, um pré-conceito ao que está exposto aos nossos olhos, em alguns casos, quando o que se reflete e diferente do habitual, causa-nos um estranhamento, até mesmo um recuo. A imagem que se difere da norma social vigente e construída pela nossa cultura, nos bloqueia ao livre arbítrio do outro, da figura que aquele sujeito se reconhece.

Além da ação performática das gravações – as quais mostram meu corpo e vestimentas -, vejo-as como um ato, até mesmo didático, a liberdade de expressar-se com sua aparência. Este ato torna-se necessário, também, para notar que nossa postura frente a alguém mais jovem, é exemplo, pois não ensinamos desde o primário o valor do respeito ao que é diferente do costume familiar das crianças que estão em desenvolvimento. Todo o princípio de imposição, de aprisionamento a autonomia expressiva, começa a ser plantada nas escolas, causando exclusões e preconceitos postos por nós - os chamados: “donos de conhecimentos”. Por estas questões, me pergunto: onde começa a chamada formação e o preparo de jovens para a sociedade? Em qual proporção permitimos a liberdade da construção de expressão deles? (se é que permitimos). Nossos argumentos não correspondem com nossas atitudes, pois terminamos por podar toda e qualquer forma de manifestação que foge da norma, a qual – também – foi criada por nós enquanto sociedade.

“O que aterroriza nossa sociedade? O que mais ela procura negar? Fluxos descodificados, tolerância com o que não entende, mas só até certo ponto, depois disso, disciplina e controle. O devir-mulher é a potência do múltiplo, é a força que faz variar, o mistério do indefinível. Freud disse não haver entendido as mulheres, mas é porque embaixo de uma casca masculina e feminina escondem-se forças que simplesmente não podem ser dominadas, e nem podem ser compreendidas porque são forças de criação.” (TRINDADE, Rafael. Devir-mulher, postagem de blog em 2016).

É crucial o desenvolvimento de diálogos mais abertos, de identidade e até de sexualidade nos primórdios do aprendizado. Se não há uma orientação, uma abordagem distinta

da composição heteronormativa, de gênero e identificações, haverá o aumento dos julgamentos ao que foge dos padrões, um distanciamento e até mesmo uma crucificação ao próprio eu que não consegue enquadrar-se no senso comum, distanciando pessoas de pessoas.

A execução de manifestações artísticas como está, e a utilização dos vídeos, se faz preciso para resistência dos ensinamentos tão arcaicos das instituições de ensino, onde o teatro, também, se faz fundamental e abre portas para o novo. Há a importância da preservação do respeito ao outro, da não violência, da visão de mostrar, em primeiro lugar, que somos pessoas, independentemente do modo que nos apresentamos. Estas ações podem auxiliar a transformarmos estes padrões, assim como é posto a seguir:

“Acredito que a função do teatro seja nos lembrar das grandes questões humanas, nos lembrar de nosso terror e de nossa humanidade. Em nossa vida cotidiana, vivemos em uma repetição contínua de padrões habituais. Muitos de nós passam a vida dormindo. A arte deve oferecer experiências que alterem esses padrões, despertem o que está adormecido, e nos lembrem de nosso terror original. Os seres humanos criaram o teatro como uma reação ao terror cotidiano da vida.” (BOGART, Anne, A preparação do diretor, p: 86, ano: 2011)

Os vídeos, os quais serão exibidos no painel de licenciatura e com seus links anexados nas páginas finais, são feitos em casa, em uma parede branca, como fundo. Todos possuem minha própria atuação performativa e foram filmados do meu celular iphone 5C, com uma câmera de oito megapixels.

O primeiro, nomeado Reconstruir, se trata de uma filmagem rebobinada do meu rosto, reconfigurando o batom que havia sido borrado pela minha mão, deixando-o intacto novamente. A escolha por fazer o contrário da desconstrução, permite a reflexão para não acabar com os velhos padrões, mas sim desmanchá-los, reinventá-los e modificá-los, mas sem julgamento aos modos precursor. A busca de compreender que são aceitáveis outras maneiras de colocar-se, não excluindo as existentes que fazem parte do reconhecimento de alguém, a qual a pessoa sente-se bem consigo mesma e quer usufruir de tais condutas. Assim, sendo possíveis, novas formas de apresentações, que merecem ser respeitadas, mesmo não sendo as que não estamos acostumados a ver, mas só precisamos respeitar, mesmo que não possamos entender na maioria das vezes.

O segundo, chamado Vicente Granada, exhibe os dois lados do meu rosto, um com a cara limpa e o outro com maquiagem, formando uma barba e mais pelagens. A intenção do vídeo arte, revelando duas faces, corresponde ao intuito das diferentes personas que possuímos em nosso interior e quais são os opostos, e iguais, de suas personalidades. Aqui, mostram-se as capacidades infinitas das metamorfoses que podemos ser, as que podemos nos identificar, não restringindo-nos a uma única classificação ou um limite para o ser. No teatro, as possibilidades de trocas de gênero, de conceito, nos ajudam a nos libertar dos estereótipos que fomos à vida toda, condicionados a seguir, podendo questioná-los, modificando-os inteiramente, constantemente e servindo de espelho ao público, para que observem o que já está impregnado e ditado em nossos retratos sociais. O personagem Vicente Granada, faz com que eu questione a apresentação do que é ser uma mulher, o porquê de eu ser negada como mulher, quando me visto com roupas mais largas, menos decotada.

O terceiro e quarto, são intitulados gênero fluído, pois mostram dois tipos de roupas: primeiro um vestido e uma cueca por baixo, o outro, uma camisa, calção largo e uma calcinha por baixo. A relação que nossa sociedade coloca com esses vestuários, classificando-os como peças masculinas e femininas me ajudaram na ideia de questionamento mais próximo e específico a essas construções existentes, para causar essa perturbação ao fugir da noção de que roupas possuem gêneros. A indústria da moda já é voltada a estes conceitos, separando em setores e em moldes exatos para cada gênero, partindo daí uma limitação à liberdade de escolha sobre nossas vestes. Além disso, investigo e indago a necessidade de enquadramento de uma pessoa, como se fosse viável definir algum sujeito por sua indumentária, acredito ir muito além do visível, a um grande psicologismo e questões de direito de escolha da pessoa, que somente ela sabe ou não, como quer se distinguir.

No quinto e último vídeo, denomino-o como: minha natureza, pois revelo regiões do meu corpo que tenham pêlos, as quais atualmente são depiladas, - por mulheres em sua maioria -, causando um visual pré-púbere e compreensão de beleza ideal. Nossa cultura, trás o julgamento sobre mulheres que deixam sua natureza, seus pêlos, adjetivando-as como relaxadas e em alguns casos, assemelhando-as como homens. Todos nós humanos, contemos pêlos por natureza de nossos corpos, nascemos com eles e desenvolvemos mais tarde, depois da puberdade, me pergunto o porquê de julgarem somente as mulheres e submetê-las – unicamente -, a tirá-los, porque não o contrário? O machismo e o patriarcado estão diretamente ligados a estas imposições, não permitindo o natural da mulher, colocando-a em um lugar de beleza e

impondo uma delicadeza, uma semelhança à pele mais jovem, ocasionando o olhar pedófilo frente a estas.

As performances visuais, que relatei acima são inspiradas no trabalho da artista, pesquisadora e pioneira de vídeoarte no Brasil, Letícia Parente. Os vídeos desta mostram como o corpo se revela nas regras de condicionamento que é sujeitado, fazendo relação direta aos meus objetivos com as construções citadas. A questão audiovisual trás benefícios significantes para a arte e suas questões, um auxílio e um difusor a mais, poderoso para atingir muitas outras pessoas que não estão ao nosso alcance ou convívio.

5 - UM ATO DE DESAPEGO

Todos os anseios mais profundo colocados em folhas de papel em branco, em uma tentativa de expô-los através da minha arte, dos pensamentos e reflexões possíveis do ser. Um grande equívoco dizer que todas minhas observações e dúvidas foram atingidas ao final de cada uma das escritas fixadas. Não há um final concreto, decisivo, que não seja passível a transformações futuras e reinvenções do meu novo ser de cada dia, mas há o desapego, o permitir deixar que aquela tinta de caneta, aquele desenho, foram momentos de muita intenção, de necessidade para compreender ingenuamente, em mim mesmo, o que é o ser, desconstruir e construir o eu e as mais variadas condutas já impostas.

Para o início de tudo, comprei um caderno simples de folhas brancas, de tamanho mediano com a capa vermelha. As diversas canetas de infinitas cores, com os mais variados desenhos de origem da minha bagagem cultural, vieram à tona, com certo perfeccionismo de início, mas depois, foram tomados pelos atravessamentos do dia-a-dia, da música que vinha a cabeça, da vivência do dia, do lembrar histórias passadas, do ouvir e concordar com tudo o que me ronda, no teatro, no meu trabalho como Dj e na minha vida como mulher lésbica. Depois, em um processo criativo, intenso com modificações e metamorfoses ocorrido com o meu ser, decidi utilizar uma metodologia cada vez mais aberta, deixando de lado a autoperfeição, a qual me cobrava, por saber a finalidade do caderno, sabendo que passaria de mãos e mãos.

Quando há uma parte reveladora do nosso íntimo, mais sensível, conflituosa, que não contém a conclusão de questões, vem os medos à exposição, medo da vulnerabilidade, pois estamos nos colocando perante aos outros, de forma aberta. Ainda assim, é fundamental a coragem para se colocar no mundo, com suas opiniões, entendendo que talvez elas não sejam as mesmas ou as mais adequadas a tais assuntos, mas é preciso ter ideias para resistir e colaborar para mudanças no mundo em que vivemos compartilhando conhecimentos.

No teatro, nesta arte de evidenciar-se, é indispensável se posicionar diante do que se acredita das suas próprias verdades e a permissão de mudanças, também, de escuta aos olhares de outras pessoas, que também dispõem das suas conclusões e razões. O diálogo para o crescimento e o desenvolvimento pessoal, que é um processo também coletivo, nos leva há conquistas consideráveis para a construção social da nossa cultura. Só conquistamos e criamos concepções possíveis de mudanças, se há um vínculo que permite o transito de noções, conceitos, tanto na relação de artistas com os espectadores, como na relação do professor com o aluno. A força do coletivo que nos completa. Como Anne Bogart menciona em seu livro:

“Cada um de nós é incompleto. Somos atraídos pelo outro em busca de completude.”
(BOGART, Anne, A preparação do diretor, p: 70).

Por consequência, a construção deste caderno, seus conceitos e dúvidas só ganham um potencial artístico e transformador, devida ao compartilhamento para outros olhos distintos. Neste meu aprendizado de docência, a troca entre ideias se faz imprescindível, pois se torna agregadora para as minhas ferramentas de difusão da arte. É como um livro que só é vivo com seu leitor, o teatro e sua arte são vivos com a troca entre outras pessoas, com um público agente.

CONCLUSÃO

A intensão primeira deste trabalho de conclusão seguiu-se para questionar a criação social impregnada e imposta como a correta ao feminino. As complexidades de examinar padrões sociais que vem sendo exercidos a mais de décadas, em diferentes locais culturais, só comprovam o quanto são penetrados em nossos comportamentos e quase não questionados. Somos levados pelas massas, por uma criação familiar, por vezes, conservadora, patriarcal e misógina, para que continuemos ininterruptamente as construções de feminilidade e masculinidade, ignorando qualquer outro conceito que venha à tona e ameaçando as normas autoritárias. Quando uma pessoa nasce considerada uma mulher e desvia do caminho que lhe foi traçado, ela servirá de exemplo como algo negativo, também, será denominada como anormal, para que outras mulheres não sigam no mesmo percurso, assim como, homens que optam por não exercer a masculinidade normativa.

Outras questões de identificação e de denominar o ser, vieram como uma busca do meu próprio entendimento, de pesquisas e análises do que é se reconhecer como mulher. O que vale mais, o que eu falo que sou ou a visão e o órgão genital que eu possuo? A sociedade vem respeitando os direitos de livre arbítrio aos que não querem identificar-se ou rotular-se entre homem e mulher?

Quando me deparei com tais perguntas e dúvidas, também procurei em mim, no meu ser, o que eu poderia me considerar. Estas questões trazem outro embate, os rótulos que sempre me incomodaram, pois os vejo como formas absurdas e violentas de uma tentativa sem sucesso, do enquadramento de pessoas há uma conduta, seja de submissão ou de posse do poder, gerando o aumento do individualismo entre as pessoas, colocando um grau de superioridade e agravando a desigualdade social. Este raciocínio restringe o gênero e os modos de uma pessoa, isso sem pensar na cor, na condição financeira e na etnia, o que ampliariam os mais variados problemas já existentes nestes pontos. Por consequência disso, limitei-me a uma busca de conhecimentos menor, para poder alcançar pessoas que se identifiquem com minhas opiniões, ainda, buscando compreender a necessidade de uma rotulação.

De início, me posicionava unicamente como mulher, por ser satisfeita com meu corpo, com minha aparência, mas me considerando mulher, principalmente, pela necessidade de dispor politicamente, igualmente ao me denominar lésbica. Infelizmente, é inevitável não nos rotularmos no momento em que nossa sociedade encontra-se, pois ainda, não somos seres evoluídos a ponto de nos reconhecermos somente por seres humanos, o que é lamentável e

absurdo nos tempos de hoje, no século onde temos uma tecnologia e conhecimentos avançados, mas muito limitados e presos em conservadorismos patriarcais. Por essas questões, ainda vejo a importância de lutarmos por algumas bandeiras, para que talvez, as condições de igualdade sejam maiores e não precisemos mais do separatismo. Logo, notei a necessidade de tratar do assunto da performatividade feminina, neste trabalho, pois estamos em linhas limitadoras de expressão do ser, mesmo em tempos chamados modernos.

Ainda, com as criações artísticas e performáticas, algumas afirmações da minha imagem colocadas no início da pesquisa tornaram-se questionamentos. Os turbilhões de atravessamentos, de outros pontos de vista se voltaram a mim, trazendo novas dúvidas e perspectiva ao meu ser. Assim, recomeço um processo subjetivo de desconstrução desses padrões percebendo que minhas vontades e formas de agir equivalem a um conceito já disponível em artigos e teses que pretendo me aprofundar em outra pesquisa acadêmica, o conceito que me refiro intitula-se gênero fluido, como o próprio nome diz a fluência entre os dois gêneros. Esse conceito vai ao encontro dos meus comportamentos andróginos de vestir, me posicionar artisticamente, e meus sentimentos que vão de acordo com a expressão de uma pessoa que transita entre o masculino e feminino, não se limitando a uma única definição.

Dentro disso, se pensarmos em natureza do ser, o sexo não se equivale ao gênero de uma pessoa, pois se nasce com um órgão sexual específico: vagina ou pênis, mas não há natureza no gênero, é tudo parte da construção sociocultural que gera essa limitação dentro dos padrões binários, que não conseguem mais contemplar todo o universo que o nosso ser é. Por isso a necessidade de abordar sobre o assunto, a começar nas escolas, as quais são locais privilegiados de desenvolvimento de pessoas para a sociedade, onde se podem colocar outras formas possíveis de expressão, não limitando seres que não se enquadram em apenas dois gêneros. Como é colocado pela teórica Judith Butler em seu livro:

“[...] mesmo que os sexos pareçam não problemáticamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino tanto um corpo masculino como um feminino.”

(BUTLER, Judith, “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”, p: 24 e 25, ano: 2003).

Como dito anteriormente, reforço, que não vejo uma conclusão possível, fechada, mas sim, aberta a novos questionamentos. Um processo de ciclos de reconstruções, que necessitam de um aprofundamento na pesquisa acadêmica, durante a pós graduação e práticas artísticas comprometidas com o tema. Uma constante busca, fazendo-se necessária e sem limitações a todas as possibilidades que podem surgir diante do trabalho como docente e artista. Sobre o processo investigativo e contínuo de novas formas de expressão Virgínia Woolf comenta:

“[...] quando o assunto é controverso - e qualquer questão que envolva sexo é -, não se pode esperar a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a ter a opinião que se tem. Só se pode dar ao público a oportunidade de tirar as próprias conclusões ao observar às limitações, os preconceitos, as idiossincrasias do palestrante.” (WOOLF, Virgínia, Um teto todo seu, p: 12 e 13. Ano: 1989).

Portanto, levo as dúvidas do que é o ser? O que eu me intitulo ser ou o natural do ser? Que limites existem na classificação do ser? Quais os trânsitos possíveis do ser? Qual a imagem do meu ser? O meu ser limita ou interfere na conduta do outro? Quantos seres eu posso ser? Juntamente a estas questões, vejo como um desafio trabalhar conceitos tão atuais, como os gêneros e a desconstrução dos padrões já impregnados em nossos ensinamentos. O teatro se faz extremamente pertinente e um recurso didático exploratório amplo para se trabalhar estes novos conceitos que estão sendo vivenciados na atualidade. Assim, em minhas práticas docentes pesquisarei recursos para que não haja mais barreiras para qualquer tipo de expressividade do ser.

REFERÊNCIAS

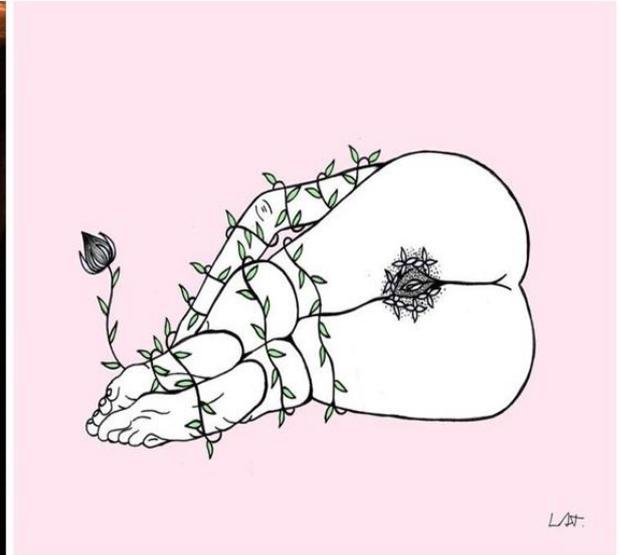
- BOAL, A. *A estética Do Oprimido: reflexões Errantes Sobre o Pensamento Do Ponto De Vista estético e não científico*. Funarte, 2008.
- BOGART, A; VIANA, A. *A preparação Do Diretor: Sete Ensaios Sobre Arte e Teatro*. Wmfmartinsfontes, 2011.
- BUTLER, J; AGUIAR, R. *Problemas De gênero: Feminismo e subversão Da Identidade*. Civilização Brasileira, 2003.
- CUNHA, S. R. V. da. *Cultura visual e infância*. 31ª reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação-ANPED, p. 102-132, 2010.
- EL HOMBRE, F. - *Triste, louca ou má* - 2016
- FORFUN – *Eremita moderno* – Álbum Polisenso, lançamento ano 2008.
- GAGA, L – *Hair* –2010
- SPOLIN, V. *Improvisação Para o Teatro*. Perspectiva, 2006.
- TRINDADE, R. **Devir- mulher**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/03/08/devir-mulher>>. Acessado em: 01 de novembro 2017.
- KAUR, R. - *Outros jeitos de usar a boca* – Editora Planeta do Brasil – 2014.
- WOOLF, V. - *Um teto todo seu* – Editora Tordesilhas - 1989.

ANEXOS

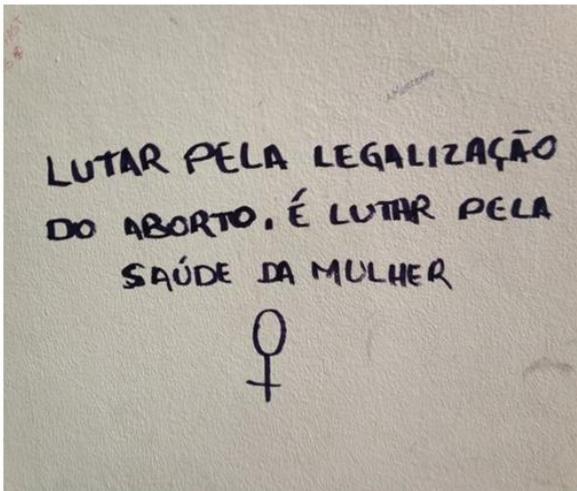
A



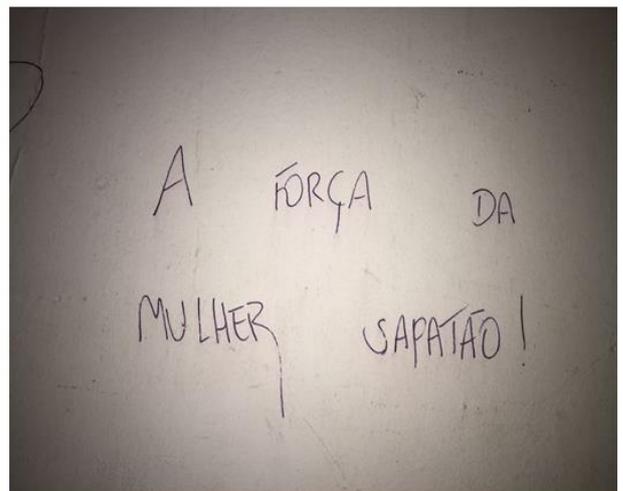
B



C



D

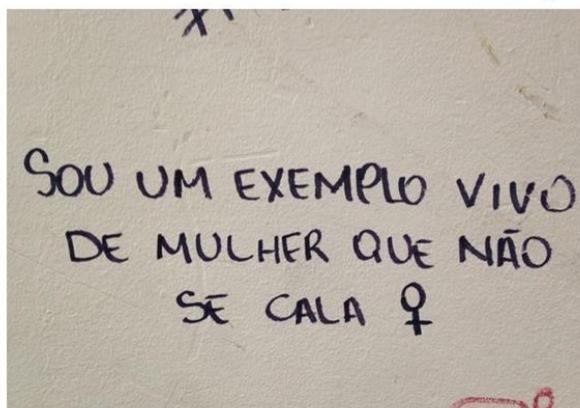


Anexos de A a D: A - Foto de Luiza Anderle; B- Foto acessada em: <http://acoisatoda.com/2016/01/11/layse-almada-e-sua-arte-feminista/>; C e D- Fotos do acervo do autor.

E



F



G

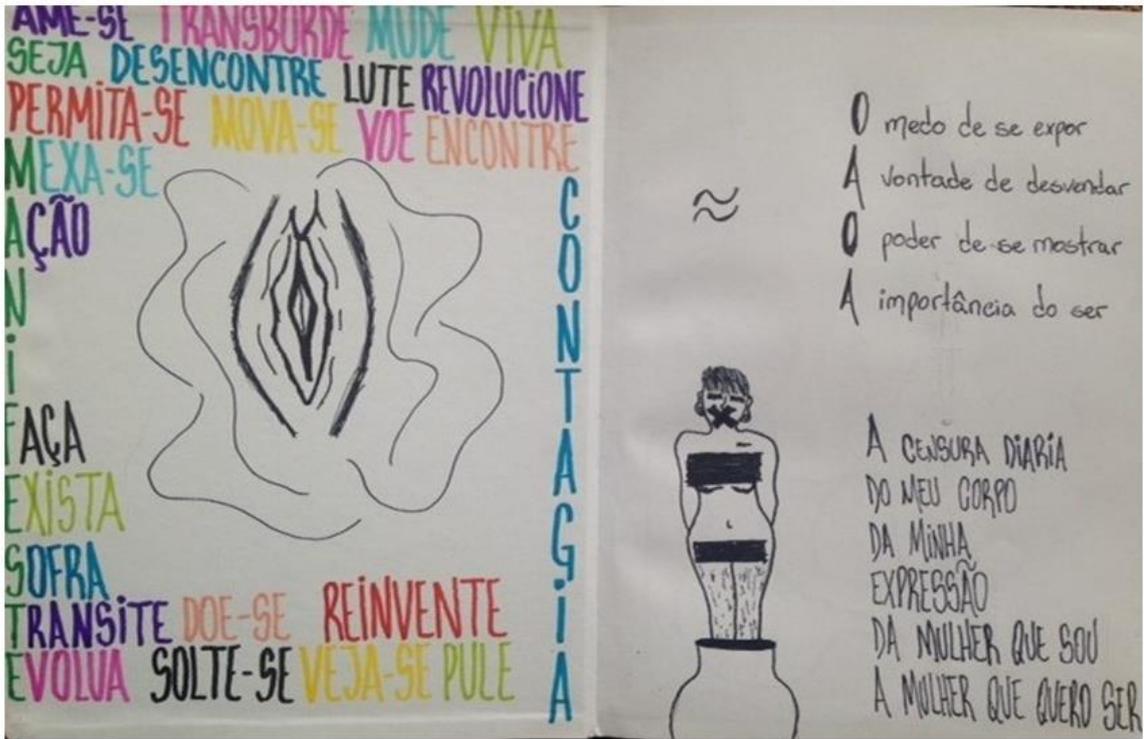


H

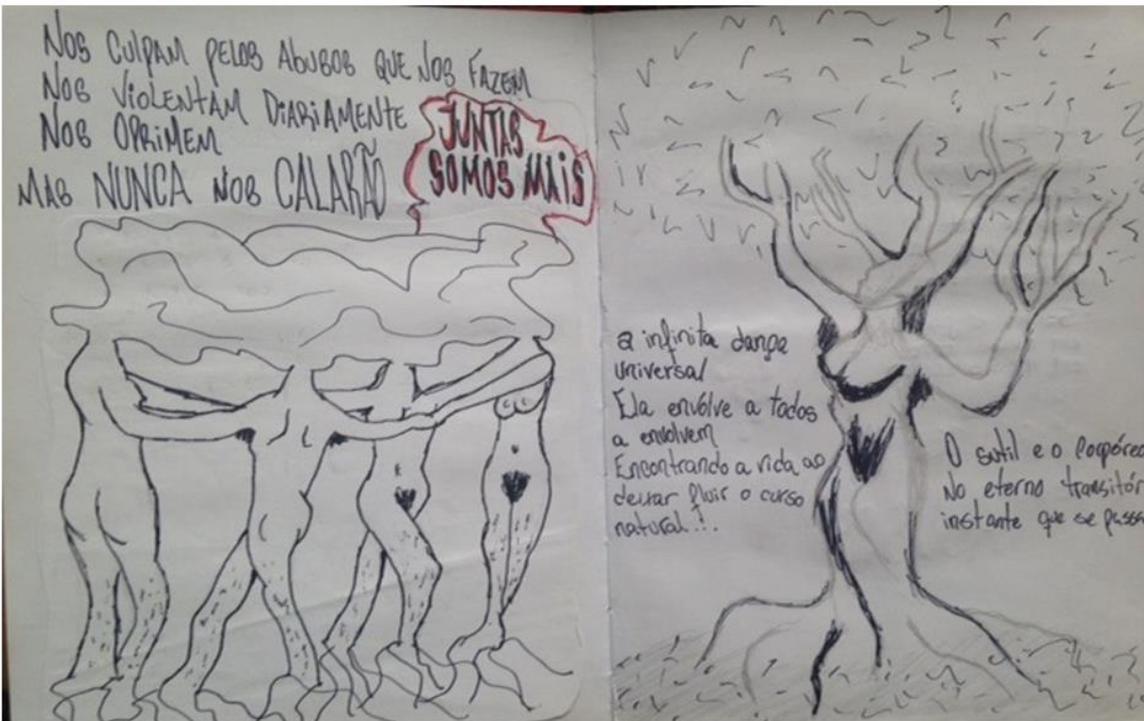


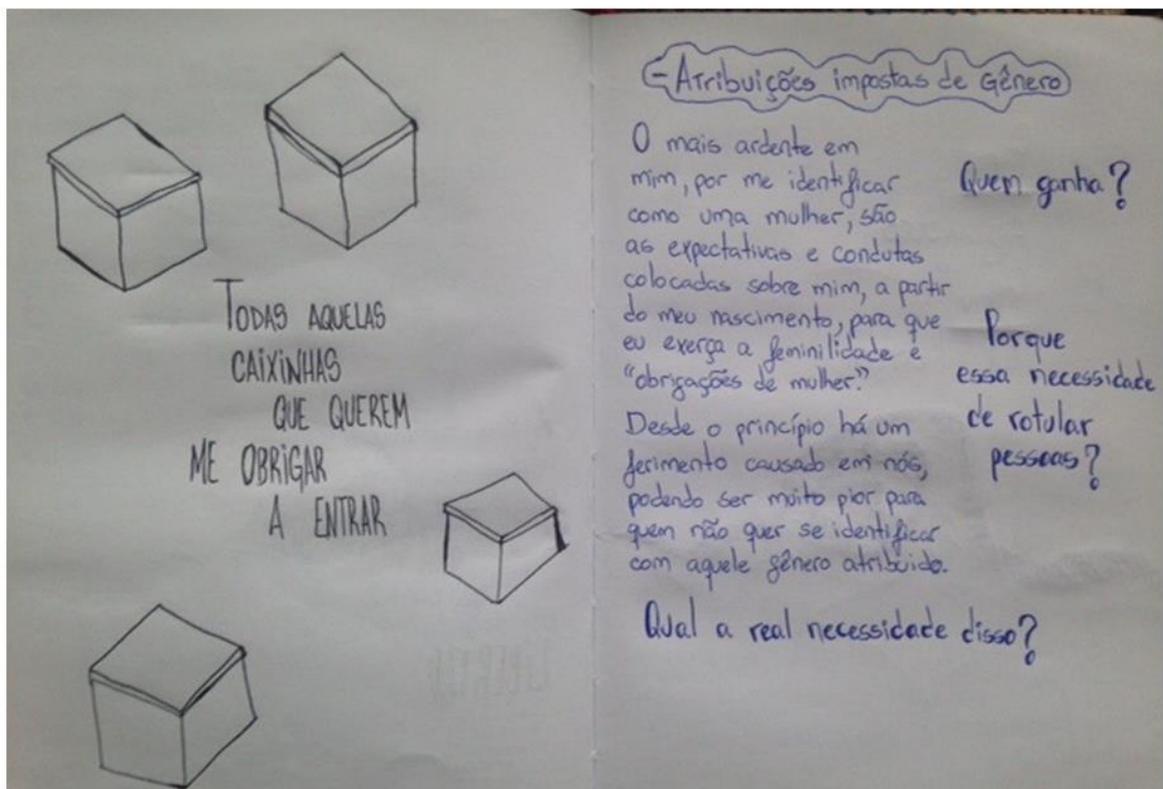
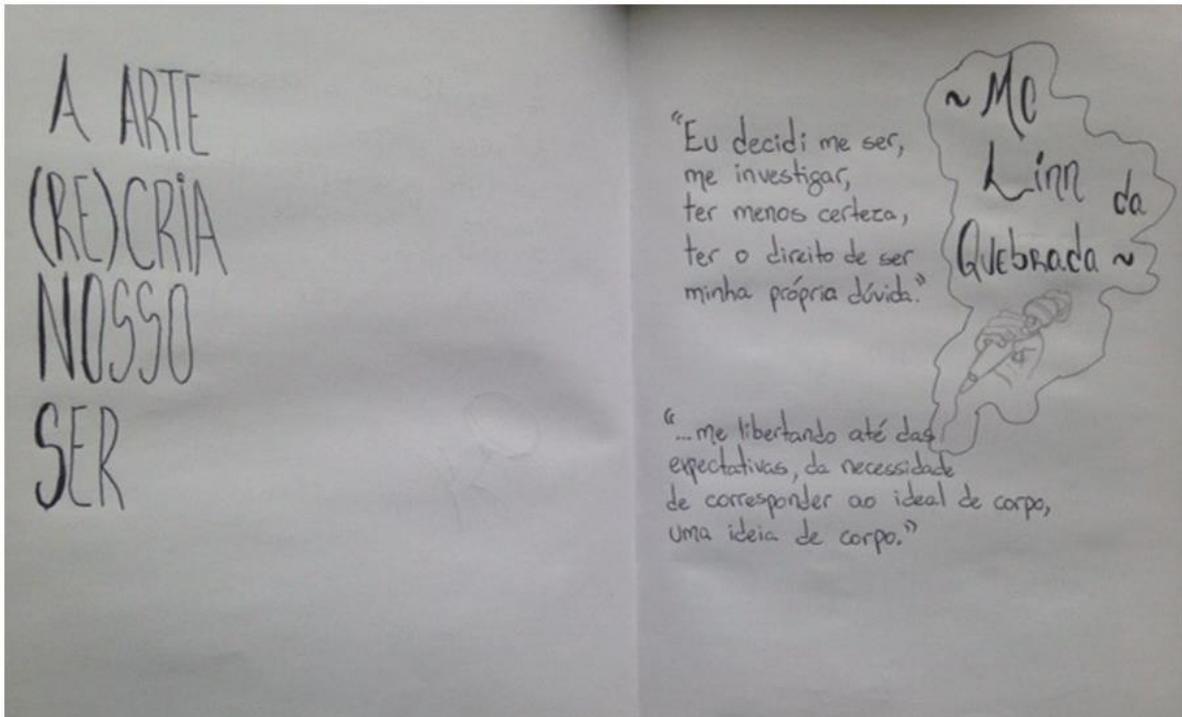
Anexos de E a H: E - Foto acessada em: <http://acoisatoda.com/2016/01/11/layse-almada-e-sua-arte-feminista/>; F - Fotos do acervo do autor; G – Foto de Martino Piccinini; H – Foto de Luiza Anderle.

I



J







Explosão

o
caos: o estado geral
desordenado e indiferente de
elementos que antecede a inter-
ção do demônio.

↓

O princípio
organizador do universo

Ser mulher é enfrentar todos os dias padrões que dizem ser o ideal de beleza. **Ser mulher** é fazer do meu corpo o que eu bem entender. É usar a roupa que eu quiser.

Ser mulher é aguentar diariamente a opressão, o abuso, o machismo e a invisibilização. **Ser mulher** é respirar luto e não abaixar a cabeça pra ninguém.

Ser mulher é ser forte. É lutarmos todos os dias e bater no peito, gritar: "eu não me calo!" É lutar contra a submissão imposta pelo patriarcado.

Ser mulher é, acima de tudo, RESISTIR!

Eu achava que meus desejos, sentimentos eram errados
Eu não podia ser
Não devia
... Ser



Onde isso vai parar?

Se eu nasci com dom eu sei que vou continuar
Eu cheguei na cena,
fiz um poema
pro seu coração esaltar

O preconceito não te leva a nada.
Não seja mais um babaca de mente fechada

Por que o ódio mata, mas o amor sara...

De qual lado você vai ficar?

• A dor de cada uma não se compara - se digere - mas se sente e sentimos muito o tempo todo

• Somos singulares em nossas cores em nossos corpos mas atingidas **DIARIAMENTE** pelos **Abusos**



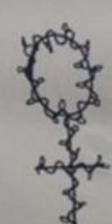
Es me pertengo

~ AMO TUDO QUE HÁ EM MIM ~

é ^{ser mulher} RESISTIR
é REEXISTIR

"Eu sou o meu próprio lar..."

Sou Livre
Sou Linda
Sou Louca
Sou Luta
Sou Mina
- escritas de puros.



"Sociedade em choque, eu vim pra incomodar..."

Aqui o Santo é forte, é melhor se acostumar...

Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou...

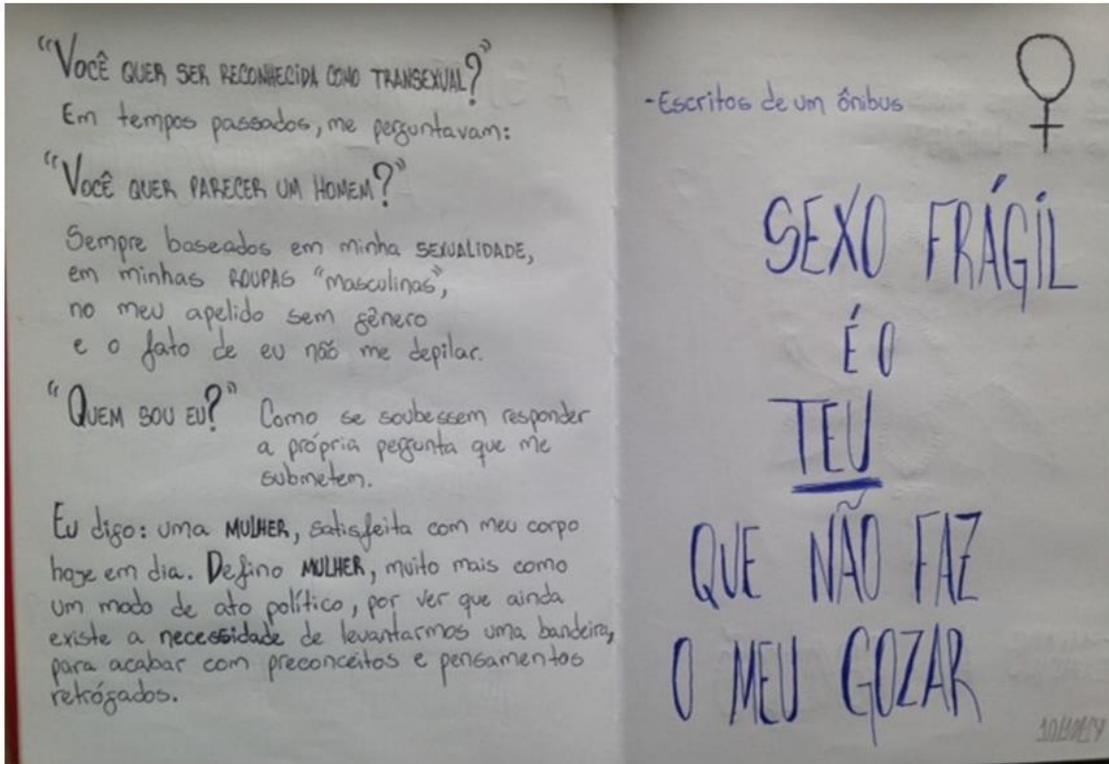
Fui eu quem crei, vivi, escolhi, me descobri e agora aqui estou" **Karel Concha**

A SUPREMACIA DO ANTICONCEPCIONAL

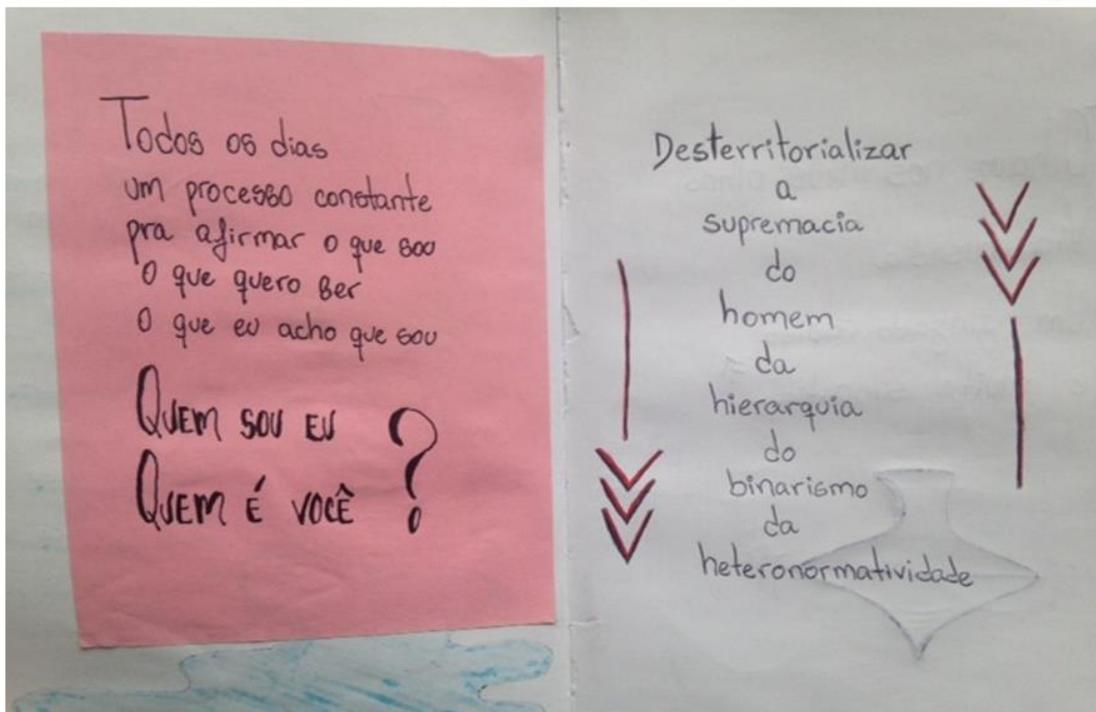
- Porque nós mulheres devemos nos encher de hormônios e nos automutilar pelo prazer, se ambos os gêneros querem esse prazer?

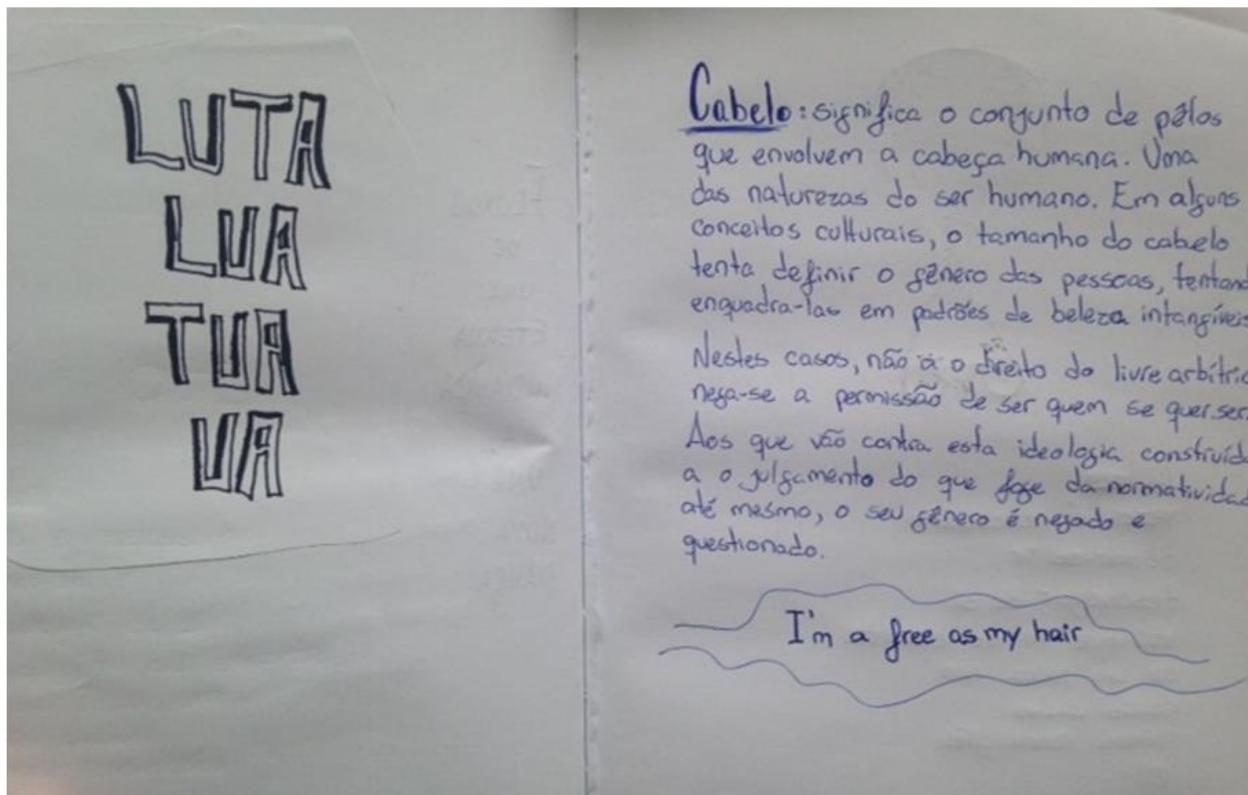
- Até nisso a voz masculina é a que prevalece, até nisso o machismo nos ganha e oprime, como se a responsabilidade fosse somente nossa?

R



S





Anexos de I a T: Fotos do Caderno. Fotos do Acervo do autor.